

## **SUBALTERNIDADE E ABJEÇÃO DE PERSONAGENS TRAVESTIS NA LITERATURA BRASILEIRA**

*Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes\**

**RESUMO:** O presente trabalho discute a condição de subalternidade e de abjeção na construção de personagens centrais travestis na literatura brasileira do século XX. Para tanto, tomamos por base a noção de sujeito subalterno de Spivak (2010) e de sujeito abjeto de Butler (2010), relacionando seu espaço de “fala” na literatura a partir da maneira como personagens circulam nas narrativas. Faremos menção a alguns contos e romances brasileiros do século XX, para discutir a condição de subalternidade e abjeção dessas protagonistas, que dividimos em três eixos de representações recorrentes nas obras estudadas: violências sofridas, exílio da família e de cidades de nascimento, situação socioeconômica. O objetivo é chegar a um argumento crítico sobre a recorrente situação de subalternidade das protagonistas travestis na literatura brasileira, corroborando uma possível relação de mimetização ou de realismo nessa faceta da literatura homoerótica com o que se verifica no âmbito de sociedades patriarcais e heteronormativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Personagens travestis; discriminação; literatura brasileira; realismo.

### **Introdução**

Quando o tema das representações das minorias na literatura entra em pauta, tornou-se costumeiro encontrar o tom de denúncia e de revelação de agruras sofridas contra essas minorias, seja no âmbito da construção das personagens ou no que diz respeito ao mundo diegético, seja numa reflexão mais ampla do mercado editorial envolvendo autoria, oportunidades, espaço de divulgação e resgate dos textos. Parece ser um consenso que a

---

\* Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

subalternidade de determinados grupos não-hegemônicos tenha sido configurada nas literaturas, como um modo de registrar as dores, as injustiças e as desigualdades das subjetividades à margem.

Nesse sentido relacionamos a condição sociocultural das travestis com a noção de subalternidade, apontada por Spivak (2010), e de abjeção, apontada por Butler (2010). Segundo Spivak (2010) o sujeito subalterno é aquele pertencente aos grupos dominados e marginalizados que dificilmente tem direito à fala, numa visão pós-colonial e feminista: “Se num contexto de produção colonial, o subalterno carece de história e não pode falar, o subalterno feminino está muito mais numa situação ruim. [...] Ademais, o fato de ser pobre, negra e mulher merece um triplo castigo” (SPIVAK, 2010, p, 76). A reflexão da crítica indiana elucida a ausência de uma história escrita pelos subalternos, indicando uma obscuridade social, econômica e cultural dos povos subalternos devido aos efeitos marginalizadores das colonizações, sendo aí sugerida também uma relação perversa entre níveis de preconceito sobrepostos - de raça, de sexo e social.

O sujeito subalterno sofre pela opressão e impedimento de desfrutar de direitos e acessos devido a imposições de um sistema político, cultural vigente que os exclui. Se levarmos em conta que as relações de gênero e de sexualidade criam identidades de gênero e corpos subalternos por não se enquadrarem nas normas binárias de “homem” e “mulher”, “heterossexuais”, “reprodutores”, as travestis encontram-se em posição deveras subalterna, pois sofreram o rechaço cultural ao longo da história.

Spivak (1994) reivindica, inclusive, a recuperação de vozes suprimidas e obliteradas dos subalternos, uma vez que a alteridade deve ser reclamada para que histórias alternativas sejam contadas e os silêncios minimizados no âmbito da cultura. É o que tentamos também evidenciar por meio desta discussão: trazer à tona as personagens travestis de nossa literatura, analisando seus modos de construção ficcional e as relações ideológicas assim instauradas.

Butler (2010; 2013), por sua vez, constrói uma reflexão a respeito da inteligibilidade dos gêneros e abjeção causada pelo não reconhecimento do gênero ou transgressão do

papel tradicional dele. Segundo a teórica feminista, antes de nascermos, somos identificados como pertencentes a um gênero e essa identificação com caráter de imposição é também o que define nossa legitimidade de ser considerado humano. Tanto é assim que o corpo não tem uma existência significável anterior à marca do seu gênero, como afirma Le Breton (2008, p. 24): “nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres”. Isso é tão forte que apenas nos referimos a alguém por meio da palavra “corpo”, quando esta pessoa já não possui vida, algo muito comum na linguagem jornalística ao se referir a cadáveres encontrados nos casos de notícias e reportagens policiais.

Por essa lógica, quando a genitália de um feto ou recém-nascido não apresenta regularidade binária (pênis ou vagina), como ocorre com os intersexuais, é preciso intervir para que o corpo corresponda a um gênero inteligível. Assim, tal correspondência obedece ao esquema vagina-mulher-feminino *versus* pênis-homem-masculino que toma a heterossexualidade como eixo norteador a fornecer certo grau de coerência final à naturalização e binarismo do gênero. O caso de Herculine Barbin, divulgado por Foucault (1982), também é tomado como exemplo por Butler (2010), sobre as consequências de se adotar ou ser um gênero não inteligível.

E, assim, verificamos claramente a construção de uma “ideologia de gênero”, também evocada por Lauretis (1994), que seria uma imposição, uma regulamentação para a formação de corpos normais ou, no dizer de Butler (2013), *corpos que importam*. É nesse ponto que a autora investiu em discussões que possibilitem pensar “os corpos que não importam” para a lógica patriarcal, os corpos excluídos, corpos indóceis ou, como ela nomeia, “os corpos abjetos”:

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito [...] (BUTLER, 2013, p. 155)

Dessa maneira, os sujeitos que compõem o rol das dissidências sexuais, como gays, lésbicas, travestis, transexuais, drag queens, drag kings, bissexuais e muitas outras formas de dizer e ser diferentes no campo do gênero e da sexualidade têm seus corpos considerados como abjetos, evidentemente com graus e níveis de abjeção diferenciados, segundo a cultura e as relações socioeconômicas que cada subjetividade enfrenta, bem como as subversões que cada uma evoca.

Butler (2013) os percebe como seres abjetos, tendo em vista que eles não reproduzem a inteligibilidade da norma heterossexual e binária. Assim, marcados pela abjeção, tanto atraem como horrorizam muitos dos que os cercam, trazendo à tona rejeições: “se certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras.” (BUTLER, 2013, p. 63).

Vale ressaltar que as visões desconstrucionistas dos binarismos e essencialismos, formuladas por Butler (2010;2013), tornaram-se motores para as pesquisas nos estudos de gênero e de sexualidades. As etnografias que se propuseram a estudar as travestis no Brasil, e as quais recorreremos como base teórica, sempre tomam como ponto de encontro essas mesmas críticas em torno do corpo, do gênero, do sexo e da abjeção. Nosso estudo, nesse mesmo panorama, procura observar como esse sistema excludente chega ao espaço literário, por meio da configuração das personagens. Não que as ideias de Judith Butler estejam dissociadas disso, pelo contrário, como aponta Salih (2012, p. 208) “as críticas de Butler (2010) sobre a natureza excludente das categorias de identidade são úteis na análise da construção dos estudos literários feministas”.

Dessa maneira, parece ser bastante produtiva a análise da relação estabelecida entre a experiência da travestilidade como subalterna e abjeta na cultura brasileira. Embora em pequena proporção, as travestis encontram um “lugar” na produção literária brasileira<sup>1</sup> –

---

<sup>1</sup> Ver o panorama de obras literárias com protagonistas travestis apresentado em Fernandes (2015).

como personagens de romances, novelas e contos – motivando discussões, como a que ora propomos, que buscam investigar quais os fatores determinantes na maneira como as personagens travestis foram configuradas, como as ideologias machistas se perpetuam na cristalização de preconceitos incrustados na criação dessas personagens e também quais as saídas e subversões que essas promovem na barreira discursiva que insiste em tornar o tema tabu e nefando.

A literatura homoerótica<sup>2</sup> no Brasil, segundo Silva (2010) e Fernandes (2015), tem mantido uma relação de proximidade estilística com o Realismo do século XIX e com a Geração de 30 do século XX, quando o Regionalismo, apoderando-se de uma vertente Neo-realista, problematizou os conflitos do povo nordestino principalmente. É preciso contextualizar que a definição de literatura homoerótica que adotamos aqui é a de textos literários que centralizam a temática da diversidade sexual, na mais variadas facetas, incluindo a manifestação das travestilidades como subjetividade associada ao rol das múltiplas experiências de modos de vida homoeróticos.

Talvez por essa perspectiva (neo)realista, as narrativas brasileiras que possuem protagonistas travestis têm representado muitos dos conflitos vividos por esses sujeitos na “vida real”, como a violência e a discriminação, os espancamentos por parte de terceiros que não aceitam as transformações de seus corpos.

A proposta desse artigo objetiva analisar a condição de subalternidade e de abjeção de sujeitos ficcionais travestis na literatura brasileira do século XX, a partir de um recorte de narrativas em que tais personagens aparecem e refletir sobre ou, nos termos de Spivak (2010), “medir os silêncios”, evidenciar a “obscuridade” a que essas personagens estão submetidas. Fazemos menção a alguns contos e romances brasileiros do século XX, para discutir a condição de subalternidade e de abjeção dessas protagonistas, que dividimos em

---

<sup>2</sup> Apesar de polêmica, estamos empregando essa expressão e outras – literatura *gay*, *lésbica*, *homoerótica*, *homoafetiva* – como forma de agrupar textos literários que centralizam as relações íntimas, afetivas ou o desejo entre pessoas do mesmo sexo. Sobre caracterização da *literatura homoerótica*, ver a discussão promovida por Silva (2010) e Barcellos (2006).

três eixos de representações recorrentes nas obras estudadas: violências sofridas, exílio da família e de cidades de nascimento, situação socioeconômica.

### **Personagens travestis, violências e mortes sofridas**

Um dos aspectos mais comuns às personagens travestis de nossa literatura é a aproximação dessas com a violência. Sem exceção, todas as personagens sofrem agressão seja física ou verbal e, costumeiramente, morrem pelas mãos de seus agressores ou ainda por suicídio atrelado a tais tensões. Em sociedade a experiência de vida das travestis tem a violência como relação constante, como assegura Kulick (2008):

A violência é o eterno pano de fundo de suas vidas. Apesar de viverem habitualmente em trajes femininos, usarem cortes de cabelos, maquiagem, acessórios femininos, a maioria das travestis não passa por mulher, é evidente, sobretudo, quando se apresentam a luz do dia [...] Elas sabem que, a qualquer momento, podem tornar-se alvo de agressão verbal e/ou violência física por parte daqueles que se sentem ofendidos pela simples presença de travestis [...] (KULICK, 2008, p. 47).

A afirmação de Kulick (2008) enfatiza a recepção negativa que muitas pessoas têm das travestis, como se apenas sua presença já incomodasse. É também histórica, no Brasil, a violência praticada por policiais contra travestis: torturas, prisões coletivas, espancamentos até a morte e tiros à queima roupa são apenas algumas das estratégias de repressão contra as travestis em grandes centros urbanos. Assim como a prostituição, a violência é tão marcadamente associada às travestis que a literatura brasileira também incorporou ao seu imaginário, na construção das personagens travestis, desfechos trágicos e situações de violência, como veremos mais à frente. As personagens travestis da literatura brasileira refletem esses dados sociais, talvez mais pela evidente recorrência do elo entre elas e a prostituição em nossa sociedade, do que por uma relação de poder transposta do mundo externo para o literário. Daí acreditarmos na investida (neo)realista da literatura homoerótica. Talvez por essa perspectiva, as narrativas brasileiras que possuem protagonistas travestis têm representado os conflitos vividos por esses sujeitos na “vida real”, como a violência e

a discriminação, os espancamentos por parte de terceiros que não aceitam as transformações de seus corpos. E essa representação, a nosso ver, não incide, de uma maneira geral, numa postura negativa e mantenedora de estereótipos, mas numa postura típica do realismo literário, que plasma e problematiza a realidade, nos fazendo refletir sobre ela.

Nesse âmbito, podemos citar, como um dos principais exemplos, o romance *O travesti*, de 1980, de Adelaide Carraro. Nele, encontramos a estória de Rubens Moraes Barros que se transforma na travesti Jaqueline e penetra no mundo da prostituição de rua. Um dos aspectos mais marcantes da narrativa de Carraro (s.d) é a violência sofrida contra travestis, por parte de policiais e civis opressores, quase sempre resultando em mortes.

As agressões são resultantes do profundo preconceito enraizado e das ações do estado, especialmente no período da ditadura, para exterminar as travestis, como prisões furtivas sob a desculpa e vadiagem e comportamento imoral. Além de agressões, também havia as prisões arbitrárias e as decorrentes punições do encarceramento. Logo no início do romance, Jaqueline é presa e estuprada por um colega de cela, o motivo da prisão, segundo o policial esclarece, é o que segue: “[...] Lembre-se que você foi detida por vadiagem e em flagrante!” (CARRARO, s.d, p. 20). Essas passagens da obra recordam os relatos de Trevisan (2000), Green (2000) e do Relatório da Comissão Nacional da Verdade (2014) sobre as táticas de regulação dos corpos travestis que se prostituíam nas ruas paulistas, acusando-os por vadiagem e atentado ao pudor.

A morte das personagens travestis no romance também está associada à AIDS e à devastação de vidas que tal doença causou direta e indiretamente: direta devido ao contágio e complicações da doença e indireta porque ao associar a figura dos sujeitos homoeróticos à AIDS, formaram-se grupos de extermínio de gays e travestis, conforme expõe Trevisan (2000). Ao todo, oito personagens travestis morrem ao longo do romance, por várias causas. Para sintetizar os dados sobre esse tema, apresentamos o seguinte quadro:

**QUADRO 1 - Personagens travestis e mortes em *O travesti*, de Adelaide Carraro (s.d)**

Personagens mortas	Contexto	Citação
Simone, Mara e Patrícia	Assassinato – armas de fogo – por civis	“[...] eles apontaram quatro revólveres e atiraram gritando: - Abaixo os homossexuais, abaixo os travestis e a Aids! [...] Simone tinha levado quatro tiros na barriga. Mara, um tiro na garganta, e Patrícia, um na cabeça e três no peito. Estava morta com os belos cabelos empapados de sangue.” (p. 25).
Rafaela	Agressão por civis	“Vi quando ela enfiou a cabeça para dentro do carro e o homem abraçou seu pescoço e gritou: - Corra! O carro saiu em toda velocidade arrastando as pernas da Rafaela pelos paralelepípedos [...]” (p.28)
Carla	AIDS	“- O que houve com a carla? - Morreu, a Aids a engoliu.” (p. 40)
Gringa	Enforcamento por civis	“[...] vi dois homens encapuçados arrastarem a Gringa para a igreja abandonada [...] E o sino batia. Batia sem parar. [...] levando amarrado pelo pescoço em suas cordas o cadáver [...]” (p.68-69)
Xuxa	Espancamento por civis	“Xuxa com dezoito anos estava morta, a socos. Ela estava nua e no meio das pernas escancaradas, aquele buraco [...] vi em sua mão direita [...] um pedaço de qualquer coisa. Peguei naquele pedaço de carne e vi que era o pinto da Xuxa.” (p. 86)
Marion	Espancamento por policiais	“[...] cercada por um monte de policiais; foi violentamente espancada a ponta-pés e chutada por todos os lados. [...] No fim, dois policiais jogaram Marion dentro do carro, já inconsciente.” (p. 104)

O vasto panorama de personagens assassinadas no romance, bem como a variação da causa de morte delas demonstram uma clara intenção de registro na ficção do que acontecia na realidade e de sensibilização do leitor para com o sofrimento da minoria travesti. Embora citemos o romance de Carraro (1980) como exemplo principal, não podemos deixar de mencionar outras protagonistas que seguem por caminhos trágicos, como se essa fosse a condição minimamente natural e esperada para todas elas: Ana Maria, de *Uma mulher diferente* (2005) é assassinada com uma garrafa de leite, Monique, de *O fantasma travesti* (1988)



é estuprada e agredida até a morte na cadeia e Joselin, de “O Milagre” é atropelada por um caminhão.

A morte também visita as personagens Lina, do conto “Amor grego” (1975), de Aguinaldo Silva, assassinada em um incêndio, e *Georgette* (1956), que comete suicídio se jogando em frente ao trem. Vale considerar aqui que Spivak (2010), ao comentar sobre o papel do suicídio no que se refere aos sujeitos subalternos indianos, afirma que culturalmente, apesar de ser repreensível, em determinados contextos, o “sujeito compreende a insubstancialidade [...] de sua identidade” (p. 99) e comete suicídio como forma de admissão da própria subalternidade e por reconhecer que não há mais sentido no espaço sociocultural em que está inserido, uma forma evidente de internalização da abjeção, no dizer de Butler (2010).

Por um lado, podemos enxergar a violência contra as travestis representada nas obras em tela como um modo de sensibilizar o/a leitor(a) para um problema social enfrentado por essa minoria. Segundo o *Relatório de violência homofóbica no Brasil* (2016), documento produzido pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, temos o maior número de assassinatos de pessoas transgênero do mundo, mais de 600 mortes entre 2008 e 2014. Essa dura realidade se faz presente também na literatura, com desfechos trágicos e enredos dolorosos para essas personagens e seus destinos.

### **Personagens travestis, exílio da família e de cidades de nascimento**

Pelúcio (2009) argumenta que a mobilidade é uma categoria-chave para analisar o fenômeno da travestilidade. Segundo ela, as travestis brasileiras evidenciam movimento: “Mover-se na busca de um corpo, de um lugar habitável, de uma vida longe da abjeção, da pobreza e da violência doméstica é um enredo comum. [...] Essa fluidez pelos espaços se relaciona diretamente às mudanças no corpo”. (PELÚCIO, 2009, p. 47,48).

As imagens evocadas por Pelúcio (2009) nesse trecho estão presentes em boa parte das narrativas brasileiras com personagens travestis. A busca por melhores condições estabelece um constante movimento, uma frequente mudança geográfica, assim como

ocorre diuturnamente uma mudança em seus corpos. Dessa forma, notamos que a experiência de exílio, por causa da discriminação frequentemente a ela atrelada, está incrustada na experiência travesti e o exílio na literatura, como afirma Said (2003, p. 46), é uma tristeza que “jamais pode ser superada”, ocorra este por qual motivo for. Nesse sentido, as narrativas com protagonistas travestis problematizam essa questão, promovendo talvez uma sensibilização para o sofrimento desses sujeitos. Ao pensar essa condição, não poderíamos deixar de mencionar a relação entre exílio e literatura postulada pelo crítico Edward Said (2003), segundo o qual o exílio é uma das experiências mais angustiantes representadas poeticamente, sendo geralmente caracterizado por um desprendimento forçado de um sujeito de sua pátria/local/cultura de origem para outra estranha, seja como forma sobrevivência, seja como forma de buscar por diferentes oportunidades de vida; o exílio, nas palavras dele, é uma “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar.” (SAID, 2003, p. 45). Entendemos que essa “fratura”, esse corte metafóricamente mencionado como uma separação consiste não só num deslocamento geográfico, mas em um desprendimento da família, dos valores locais e até mesmo de seu próprio “eu”.

Dentre as obras literárias existentes no cenário nacional que possuem protagonistas travestis, encontramos o conto “A grande atração”, de Raimundo Magalhães Jr., publicado em 1936, pioneiro por ter como protagonista uma travesti, como já bem mencionamos. O narrador explica que Bianchi estudara em Milão e sonhava em ocupar a posição de soprano em alguma companhia de ópera:

Mas nas óperas quase só havia papéis de tenor, de barítono e de baixo. Só no “Orfeu”, de Gluck, havia um bom papel masculino, mas para contralto, sempre representado por mulheres. [Bianchi] Quis interpretá-lo. Não lhe deram o papel. E o professor declarou: – Isso seria uma confissão vergonhosa para você... Mude de vida... Pode ser que um dia venha a ser tenor... Bianchi, porém, preferiu o travesti. Andou primeiro na *variété*. Depois no circo. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1967, p. 207-208).

A ideia de fracasso se torna evidente pelo sonho frustrado de Bianchi, ocasionado pela rígida ordem dos papéis que se querem assumidos na sociedade patriarcal. A organização de uma ópera, como na sociedade, também impõe limites baseados na identidade sexual dos indivíduos, de acordo com as vozes. Assim, contralto e soprano são vozes femininas e, portanto, exclusivamente mulheres deviam executar esses papéis, por supostamente possuírem vozes adequadas para os gêneros. Bianchi, por ser homem, tinha como opções cantar como baixo, barítono ou tenor. Contudo, o protagonista não se “enquadra” em nenhum dos “moldes pré-estabelecidos” dos papéis musicais para as vozes de homens e mulheres: era homem, mas sua voz e seu agir eram femininos e, por isso, o rejeitaram, por ser estranho e, portanto, destinado à exclusão naquele contexto de rígidas normas quanto às posições de sujeitos e de suas identidades de gênero, interferindo na identidade profissional. Vale mencionar que esse lugar no mundo do canto foi historicamente e mundialmente um espaço ocupado por alguns poucos homens com habilidades vocais diferenciadas, como a história da arte e música nos confirma.

O exílio de Bianchi no mundo do circo é forçado pela ausência de oportunidades de realização de seu desejo. Como sujeito interdito, ele prefere burlar a ordem e manter-se no palco do que adequar-se à voz e ao corpo imposto a ele.

Outro texto literário que exemplifica de forma bastante evidente essa relação entre travestilidade e exílio é o conto “Ruiva”, de 1978, de Julio César Monteiro Martins (2007), como já havíamos comentado. Esse fluxo de migração de personagens travestis verificado nos dois contos citados é bastante comum nas narrativas brasileiras - elas migram porque não encontram lugar em sua cidade natal, onde são alvos de preconceitos e violências, o mesmo ocorre a personagens como Joselin, ou mesmo, Eduardo/Stella Manhattan, exilada em Nova York na obra de Silviano Santiago (1991).

A relação de perda e separação do lar/família é também um modo de se pensar o exílio, mesmo que vivendo na mesma cidade de sempre. Essa história de vida se repete bastante na condição sociocultural de travestis brasileiras, conforme apontam as etnografias. É o que ocorre, por exemplo, no romance *Uma mulher diferente*, de Cassandra Rios, em

que Maria vive na mesma cidade que a irmã, mas não mantém nenhum contato com ela. A separação familiar também é repetida no romance *Georgette*, de 1956, de Cassandra Rios. Roberto sai de casa justamente para transformar-se na travesti Georgette, e nunca mais retorna, uma vez que comete suicídio anos depois de sua transformação.

Portanto, pelos exemplos literários que expusemos acima, fica evidente o isolamento a que, tanto social quanto narrativamente, os indivíduos marcados pela travestilidade eram (e são) expostos. Podemos sintetizar um quadro com as personagens na literatura brasileira que sofrem essa experiência do exílio:

**QUADRO 2 – Panorama da condição de exílio de personagens travestis em narrativas brasileira**

<b>Obra e autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Personagem</b>	<b>Situação de exílio</b>
“A grande atração”, Raimundo Magalhães Jr.	1936	Luigi /Bianchi	Expulsa da ópera de Milão, exila-se em um circo decadente que circula por cidades do interior.
<i>Georgette</i> , Cassandra Rios	1956	Bob/ Georgette	Foge da cidade natal, Aquidauana - MS, onde vivia na casa dos pais para poder montar-se como Georgette, numa cidade grande.
<i>Uma mulher diferente</i> , Cassandra Rios	1965	Sergus/ Ana Maria	É expulsa da casa da irmã, mas vivem na mesma cidade.
“Ruiva”, Júlio César Monteiro Martins	1978	Juarez/ Gina	Sai da cidade de Montes Claros para São Paulo.
“O Milagre”, Roberto Freire	1978	Joselin	Expulso de Ponte Alta, tenta a vida em São Paulo.
<i>O Travesti</i> , Adelaide Carraro	1980	Rubens/ Jaqueline	Passa por Santos, São Paulo e Registro. Depois retorna para São Paulo.
<i>Stella Manhattan</i> , Silviano Santiago	1985	Eduardo/ Stella	É mandado (a) por seu pai para Nova York devido ao homoerotismo do filho(a).

É interessante perceber que a maioria dos destinos dessas personagens exiladas se dá em grandes centros urbanos, principalmente em São Paulo, cujo porte e aspecto cosmopolita atraiu subjetividades homoeróticas de todo o país após a segunda metade do século XX<sup>3</sup>. Diante disso, parece-nos que as obras literárias plasmam essas nuances da

<sup>3</sup> Green (2000) faz um relato detalhado do aumento populacional na capital paulista, apontando também o quanto isso promoveu mudanças significativas nos modos de vida homoeróticos em centros urbanos de grande porte.

realidade por intermédio das hipóteses aqui lançadas por nós, já que aos poucos vai se confirmando em nossas análises a ideia de que as obras possuem forte relação com o realismo literário quando se têm em seu escopo personagens travestis. O aspecto da violência que essas personagens sofrem como apontamos no tópico anterior, a inconformidade com suas subjetividades por parte da sociedade é o motor que determina o exílio em ou em espaços de reclusão. Tal particularidade é bastante comum em personagens como Georgette que, além de exilar-se, não expõe sua travestilidade, vivendo trancafiada em um apartamento, ou mesmo, Timóteo, de *Crônica da casa assassinada*, que passa a maior parte da narrativa trancado em seu quarto, vestindo roupas femininas.

O exílio da família, a incompreensão dos mais próximos, é experimentada pelas pessoas e pelas personagens travestis de forma que a existência delas passa a ser vista como abjeta ou como “corpos que não importam”, segundo Bultler (2013), uma vez que eles não reproduzem a inteligibilidade da norma heterossexual e binária. Assim, marcados pela abjeção, tanto atraem como horrorizam muitos dos que os cercam, trazendo à tona rejeições e atrações, de forma concomitante.

### **Questões socioeconômicas e construção de personagens travestis**

Segundo Candido (2007), toda personagem de ficção é moldada segundo uma *convencionalização* de características físicas, sociais e culturais. Xavier (2007), por sua vez, aponta que toda personagem também nos possibilita uma leitura de seus corpos como forma de subversão e de dominação e no que se refere às personagens travestis de nossa literatura, temos apostado nessa premissa, uma vez que constantemente nos deparamos com descrições físicas de seus corpos e investidas de poder que aparecem em marcas linguísticas sobre elas no discurso do narrador e demais personagens.

Um outro aspecto de convencionalização de personagens travestis na literatura brasileira, diz respeito a uma recorrente configuração de subalternidade ligada à situação socioeconômica dessas protagonistas: normalmente criadas como sujeitos em situação de pobreza, com necessidade alimentar, de moradia e de condições dignas de vida. As

personagens já mencionadas nos tópicos anteriores demonstram esse aspecto: Bianchi, de Magalhães Jr. (1967) vive praticamente de pequenas quantias como retirante de cidade em cidade num circo decadente; Jaqueline, de Carraro (s.d), por sua vez, sofre bastante com as expulsões das casas de prostituição e dificuldades de conseguir emprego. Na novela “O milagre” (1978) , de Roberto Freire, lemos uma descrição do local de moradia da protagonista Joselin, quando esta chega após uma noite de prostituição:

O corredor estava escuro e fétido como sempre. Dali a uma hora ia amanhecer e entrar luz pelos vidros de seus janelões. [...] Joselin se incomodava com o som, que agora achava meio esculhambado, dos próprios saltos altos sobre o chão de cerâmica do corredor. Esculhambado porque o ouvia às cinco horas da manhã, quando tinha as pernas moles de tanto bater calçada. Às onze da noite, hora em que saía, aquele era um som pontilhado, rápido, cheio de vida, até bonito, alegre, parecendo dança espanhola. (FREIRE, 1978, p. 13).

Neste espaço ficcional, figura-se um corredor fétido em um prédio que indica o baixo padrão socioeconômico dessa personagem travesti. Tal representatividade espacial ainda assim nos mostra algo bastante recorrente nas obras discutidas até o momento: o fato de as personagens travestis estarem no espaço público à noite e encerradas no espaço privado durante o dia. Silva (2007) afirma em sua etnografia que no cotidiano das travestis que se prostituem “há um ciclo que inverte a ordem cosmológica – manhã, tarde, noite – para a ordem [...] – tarde, noite, manhã. (p. 42). Pelúcio (2009, p. 73) também afirma “O ‘dia’ é uma categoria temporal que encarna um tipo de sociabilidade com o qual as travestis não parecem à vontade em lidar”. Essa “inversão” temporal, segundo os antropólogos, ocorre devido ao fato histórico de a prostituição estar associada à noite, ao proibido, ao que deve estar distante dos olhares da normalidade dituturna.

Com base nisso, não é incomum que historicamente as travestis estivessem vinculadas ao anormal e ao imoral, estando-lhes reservados o horário da noite como mais propício para a circulação, quando os olhares da vigilância e da “normalidade” estão no espaço privado, o que também revela certa faceta de subalternidade.

No quadro abaixo, fazemos outra síntese, a partir das obras estudadas, em que apresentamos relatos de vulnerabilidade socioeconômica das personagens travestis:

**QUADRO 3 – Situação socioeconômica de protagonistas travestis em obras brasileiras**

<b>Obra e autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Personagem</b>	<b>Situação socioeconômica</b>
“A grande atração”, Raimundo Magalhães Jr.	1936	Luigi /Bianchi	Vive como retirante em circo decadente e até os cães adestrados precisa vender para poder alimentar-se.
“O Milagre”, Roberto Freire	1978	Joselin	Expulsa de casa, vive da prostituição em São Paulo, com moradia decadente.
“Dias dos namorados”, Rubem Fonseca	1978	Viveca	Relata episódios de pobreza na família ao se justificar do roubo ao cliente.
<i>O Travesti</i> , Adelaide Carraro	1980	Rubens/ Jaqueline	Jaqueline vive em casas de prostituição, devido ao fato de morar na rua e precisa mudar-se constantemente dessas casas, vivendo nas ruas paulistas.
“Noites de Rosali”, de Darcy Penteado	1978	Rosali	Em frente ao espelho, a protagonista vai retirando a maquiagem e relatando a vida de pobreza e deterioração, em que passou fome.

A relação entre travestilidade, prostituição e pobreza tornou-se um estereótipo que vem sendo quebrado ao longo do tempo, mas que foi predominante durante toda segunda metade do século XX, estando presente nos textos literários como relatamos<sup>4</sup>. A configuração de personagens em situação de vulnerabilidade socioeconômica indica uma cadeia de consequências das discriminações sociais, gerando a subalternidade e a consequente abjeção desses sujeitos: expulsão dos lares, não acesso à educação formal, dificuldade de aceitação em empregos devido ao rechaço sociocultural das pessoas. Esses passos são encadeados para formar sujeitos à margem ou corpos que não importam (BUTLER, 2013), isto é, excluídos das zonas de acesso das políticas públicas, da preocupação social. Acreditamos

<sup>4</sup> No entanto, embora recorrente, não é unânime. Há personagens que fogem dessa lógica, Ana Maria, de Rios (2005), por exemplo, possui casa própria e é das dançarinas mais requisitadas nas boates paulistanas, todavia não podemos deixar de perceber a grande recorrência de construir personagens travestis em situação de pobreza.

que as travestis se firmam culturalmente como um dos grupos sociais não-hegemônicos mais rechaçados e resistentes. Enfatizamos esse aspecto da resistência porque, mesmo com tanta dificuldade, podemos citar nomes de travestis que conseguiram se sobressair escapando ao estigma negativo e da repressão, como Rogéria, personalidade conhecida da TV brasileira, que ganhou em 1980 o troféu Mambembe de revelação de atriz pelo Instituto Nacional de Artes Cênicas, bem como a atriz travesti Cláudia Wonder, famosa por suas atuações marcantes no teatro.

Segundo Trevisan (2000), em 1993 foi eleita a primeira travesti do Brasil, a vereadora Kátia Tapeti, da cidade de Colônia, no Piauí, re-eleita em 1996. Ainda temos de mencionar a travesti cearense Luma Nogueira de Andrade, que enfrentou os preconceitos institucionais e culturais, se tornou doutora em Educação e professora universitária, um marco e ícone para as conquistas dessa minoria, sendo a primeira travesti brasileira a conquistar tal feito (ANDRADE, 2015). De fato, temos assistido a uma progressiva mudança de olhar em relação à experiência travesti, como argumenta Hélio Silva (2007), mudança que inclui aceitação, ainda que parcial, revolta contra as violências sofridas por elas e reavaliação de valores tradicionais a respeito de suas identidades.

### **Considerações finais**

Diante dessas considerações a respeito da construção de protagonistas travestis em narrativas brasileiras, acreditamos existir uma força de denúncia nessas construções literárias. É preciso considerar que escrever e publicar obras tidas como marginais ou imorais e subversivas sempre foi uma atividade difícil. Se pensarmos nos textos com protagonistas travestis veremos a resistência empregada pelos escritores e escritoras, a exemplo de Cassandra Rios e Roberto Freire que tiveram suas obras censuradas, sofreram perseguições e até torturas. Nos parece, afinal, que criar personagens travestis é como esforço para retratar o proibido, especialmente no período da ditadura militar, produzir subversão no discurso, evocar a liberdade contra a normatização e apontando para um Realismo literário sensível e problematizador das formas como lidamos com essa diferença.



Acreditamos existir uma força de denúncia nessas construções trágicas. É preciso considerar que escrever e publicar obras tidas como marginais ou imorais e subversivas sempre foi uma atividade difícil. Se lembrarmos que quando *Bom-Crioulo* – segundo romance brasileiro a abordar o amor entre dois homens em 1895 –, de Adolfo Caminha, foi apresentado à sociedade, causou escândalo e, mesmo sendo permeado pelo pensamento decadentista do naturalismo, apresentando a relação homoerótica como doentia, segundo Carvalho (2006), impactou os críticos, o que atrapalhou a recepção do livro. A obra de Caminha só voltou a ser estudada em 1950 quando estudiosos brasileiros resgataram as obras do autor.

A questão da morte e dos desfechos trágicos envolvendo sujeitos ficcionais travestis não deve ser vista apenas como um aspecto negativo dessa construção, evidenciando um aspecto de punição ou mesmo, positivo, sendo enxergado pelo viés da denúncia e da sensibilização.

Nesse plano, queremos evocar Prado (2007) o qual afirma que, ao se analisar uma personagem, é preciso levar em consideração vários ângulos de observação sobre ela: (a) o que a personagem revela sobre si; (b) as ações dela; e (c) o que os outros sujeitos ficcionais dizem sobre ela, fazem com ela. Essa tensão entre as *vozes do texto* parece ser particular em cada obra, exigindo atenção aos elementos narrativos e às falas das personagens e dos narradores. Por exemplo, quando uma personagem travesti é assassinada, como acontece com Ana Maria (RIOS, 2005) e com Monique (ORTHOFF, 1988), tal experiência demonstra que personagens secundárias configuram uma parcela da sociedade discriminatória e intolerante quanto a não-inteligibilidade de gênero desses seres de papel. Na esfera ficcional, essas vozes repressoras tentam ofuscar a subversão construída pela personagem travesti; no entanto, o fato de as matarem não exclui a *convencionalização* do que elas revelam por si mesmas. Se isolarmos a postura dessas protagonistas, veremos quão transgressoras e inovadoras elas podem ser quanto às questões de corpo, de gênero e de sexualidade, especialmente se levarmos em conta o período em que foram construídas por seus criadores.

A condição de exílio é outro reflexo de violência bastante comum conforme demonstramos. Vidas no exílio ou experiências de viver no exílio constituem um aspecto muito próximo da experiência da travestilidade, gerando uma nuance de dor, de perda, de lamento e de desagregação que se transforma em matéria fértil para o discurso literário na construção das personagens travestis, recorrentemente moldadas sob um viés realista de sofrimento.

Portanto, a questão da subalternidade e da abjeção, aqui postulada pelos três eixos que explicitamos, a saber, violência sofrida, exílio e situação socioeconômica, envolvendo sujeitos ficcionais travestis não deve ser vista apenas como um aspecto negativo dessa construção, evidenciando um aspecto de punição ou mesmo, positivo, sendo enxergado pelo viés da denúncia e da sensibilização.

### TRAVESTY CHARACTERS SUBALTERNITY AND ABJECTION IN BRAZILIAN LITERATURE

**ABSTRACT:** This paper argues about the condition of abjection and subalternity in main travesty characters in the Twentieth century Brazilian literature. To do so, the Spivak (2010) and Butler (2010) concept of subjectivity is taken into consideration, by correlating the “speech” space in literature through the way characters circulate in narratives. Some Brazilian short stories and novels in the Twentieth century will be mentioned, in order to discuss the condition of subalternity present in these narratives’ protagonists. Such characters are divided into three parts of recurrent representation in those works, as follow: violence experiences; family, and homeland exile; and socio-economic condition. This study aims at pointing out a critical argument on a recurrent situation of abjection and subalternity in Brazilian literature travesty characters, which corroborates either a mimetization or a realistic relation in homoerotic literature. In addition, these very likely relations before mentioned are verified in the core of patriarchal and heteronormative society.

**KEYWORDS:** Travesty characters; Discrimination; Brazilian literature; Realism.

### REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, J. C. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BENEDETTI, Marcos R. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro, Gramond, 2005.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos / Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In.: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CANDIDO, Antonio [et. Al.]. *A Personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARRARO, Adelaide. *O travesti*. São Paulo: Loren, s.d.

CARVALHO, Gilmar de. Literatura e homoerotismo: alteridade de paixão. In: VALE, Alexandre Fleming Câmara.; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva (orgs.). *Estilísticas da sexualidade*. Campinas: Pontes, 2006, p. 229-239.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*. São Paulo: Scortecci, 2015.

FONSECA, Rubem. Dia dos namorados. [1975] In.: RUFFATO, Luiz. (Org.) *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 125-136.

FOUCAULT, M. (Org.) *Herculine Barbin - O diário de um hermafrodita*. Trad. De Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982

FREIRE, Roberto. O Milagre. In.: \_\_\_\_\_. *Travesti*. São Paulo: Símbolo, 1978

GREEN, James. *Além do carnaval – homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

KULICK, Don. *Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Trad. Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2008.

LAURETIS, Tereza de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA. Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. A Grande Atração. In.: DAMATA, Gasparino (Org.). *Histórias do amor maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1967, p. 202-211.

MARTINS, Julio César Monteiro. Ruiva [1978]. In.: RUFFATO, Luiz. (Org.) *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua geral, 2007, p. 241-256.

ORTHOFF, Sylvia. *O fantasma Travesti*. São Paulo: Espaço e tempo, 1988.

- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo* – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: FAPESP, 2009. PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. Rio de Janeiro: Linceu, 1969.
- PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In.: CANDIDO, Antonio [et. al.]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 81-101
- RIOS, Cassandra. *Uma mulher diferente*. [1965]. São Paulo: Basiliense, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Georgette*. São Paulo: Record, 1956.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In.: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria Queer*.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Quem reivindica a alteridade? In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org). - *Tendências e impasses* – o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 187-205.
- \_\_\_\_\_. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010
- SILVA, Helio R. S. *Travestis* – entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SILVA, A.P.D. Incursões teóricas sobre o conceito de literatura gay. In.: SocioPoética – Vol. 1, Nº 7, 2010.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?* O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Recebido em: 15/09/2017.

Aprovado em: 17/11/2017.